

DETERMINAÇÃO ARQUITETÔNICA: O ARQUITETO E A CONCEPÇÃO DOS ESPAÇOS

Daniel Carvalho de Souza¹

carvalho.daniel07@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: ENGENHARIAS

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura; interiores

INTRODUÇÃO

Compreender até que ponto o arquiteto ou planejador deveria, ou poderia, interferir no ambiente criado, na tentativa de compreender a existência de um possível “limite” da responsabilidade social do cargo exercido, criando esse espaço de diferenciação da vontade pessoal do profissional e as demandas do contratante. De que forma a racionalização dos lugares e espaços interfere no modo de vida do ocupante da moradia e da sociedade onde esta se localiza. Compreender os processos do planejamento da ambiência quando o planejador não mede esforços em se tornar um marco, mesmo subjugando os espaços trabalhados, se espelhando naqueles que em certo momento da história passam a ser considerados mitos. Será abordado também o pensamento dos modernistas quanto a determinação arquitetônica, onde tenta-se abrigar a funcionalidade máxima, muitas das vezes obrigando os clientes a adquirirem um modo de viver e de se portar, tudo em busca dessa funcionalidade.

METODOLOGIA

A maneira que, em alguns casos específicos, os edificadores e gestores das edificações tem lidado com os espaços e a composição destes, são observados com nuances particulares de acordo com o período histórico e a realidade cultural vivenciada. No caso dos modernistas, por exemplo, tem-se certos exemplos que se sobressaltam quando tratamos dessas dinâmicas de resoluções espaciais compreendendo os vários ambientes dos projetos, as formas de vivenciar e utilizar os espaços. O estudo dessas dinâmicas, neste caso, são apropriados em uma pesquisa analítica exploratória, onde o estudo não conta com amostragens, mas com análises de material bibliográfico e de exemplos de ambientes, com exploração dos temas nas dinâmicas observadas do contexto social e cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na análise da produção arquitetônica das vanguardas, uma conclusão de Argan no seu livro sobre Gropius chama especialmente atenção: trata-se da assunção de que o sujeito da arquitetura moderna era o “homem social, que vive e opera na contingência”: a limitação da estratégia vanguardista da arquitetura parece estar justamente no modo de seu entendimento acerca da contingência e de suas implicações na vida urbana. Nos dias de hoje é evidente o fracasso de uma

¹Graduado em Arquitetura e Urbanismo, pela UFOP, Especialista em Docência do Ensino Superior pela Univertix, Especialista em estudo de Teologia Sistemática, pelo Andrew Jumper do Mackenzie, SP.

arquitetura que recorreu sistematicamente à padronização, e à pré fabricação em série, isto é, à progressiva industrialização da produção de todo tipo de objetos relativos à vida cotidiana. Por isso, atualmente não se pode dizer que é possível que se viva assim, pois “a tecnificação torna precisos e rudes os gestos e com isso os homens” expulsando “das maneiras toda hesitação, toda ponderação, toda civilidade”². A esses acontecimentos soma-se quando o arquiteto trabalha em suas construções tentando fazer algo para se autopromover, digo, suas construções deixam de ser propriamente construções e se tornam obras de arte. E quando isso ocorre, nota-se que esse planejador passa a ser copiado, e suas ideias se difundem, mas pelos méritos de quem criou a obra, e não pela obra propriamente dita.

O trabalho do planejador, seja arquiteto ou urbanista, sempre irá se defrontar com vontades particulares e com várias outras situações variadas. O importante é que este tenha consciência de sua função social e a responsabilidade que seu trabalho engloba, afinal trata-se de espaços onde acontecerão relações sociais. É de grande importância, para o futuro das cidades, que os planejadores desenvolvam responsabilidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A burocracia fora do senso comum. Cruz, June Alisson Westarb. 2006. jan/jul, Campo Mourão : Revista Perspectiva Contemporânea, 2006, Vol. 1.

Argan, Giulio Carlo. 1990. *Walter Gropius e a Bauhaus.* Lisboa : Presença, 1990. *Arquitetura, interação e sistemas.* Haque, Usman. 149, s.l. : AU.

Battisti, E. 1980. *Arquitetura, ideologia e ciência.* Madri : Editora Herman Blumme, 1980.

Bilhim, João Abreu de Faria. 2001. *Questões atuais de recursos humanos.* Lisboa : s.n., 2001.

Campbell, Joseph. 1988. *O poder do mito.* s.l. : Alfred van der Mark editions, 1988.

Costa, Carlos Zibel. 2006. *Antropologia e sociologia do design, da Arquitetura e da Força Urbana.* s.l. : Aula Conceitual, 2006.

² ARGAN, Giulio Carlo. *Walter Gropius e a Bauhaus.* Lisboa, Presença, 1990.